



Meu *nonno*, João De Mio

Amadeu Luiz De Mio Gears¹

O inverno era mais frio em Curitiba no final da década de 40, mas as férias escolares de julho eram esperadas e festejadas pela gurizada do Grupo Escolar Júlia Wanderley. A mais viva lembrança que delas guardo é sair antes do dia clarear, alguns passos atrás das longas pernas do meu avô, para acompanhá-lo até as imponentes obras que ele erguia como mestre de obras, ao lado de outros operários. “Brinquei” com colher de pedreiro, aprendi a “virar massa” e até a jogar tijolos para o andaime de cima com uma pá de madeira! E agora, quando este Círculo de Estudos Bandeirantes pede para eu escrever algumas linhas sobre João De Mio, confuso, tenho dificuldade.

Na verdade, não sei sobre qual João De Mio devo falar.

Bem... posso recordar o respeitado imigrante que recebia visita de pessoas ilustres e homenagens de entidades, que era motivo de crônicas laudatórias de jornalistas famosos e que foi aclamado cidadão honorário de Curitiba e de Campo Largo.

Acode-me o homem alto, vigoroso, sério, exigente, meio surdo, mas incansável contador de histórias e de lembranças.

Orgulha-me o líder operário que fundou e dirigiu sociedades beneficentes para assistir minimamente os trabalhadores de então, absolutamente desamparados.

Esforcei-me para tributar altivez nas vezes em que, em homenagens póstumas, ostentei no peito as honrarias que recebeu do Governo da Itália.

Enternece o avô que vinha me cobrir quando eu filava a cama no quatinho azul da sua ampla casa.

Tenho prazer ao reler suas cartas, comentários, crônicas, artigos, memórias, assim como não cansa escrever centenas de páginas sobre a sua vida e a sua obra.

Entristece-me constatar que raras vezes — como hoje — João De Mio é devidamente lembrado como o homem que projetou e construiu monumentos, obras de arte do arquiteto autodidata que buscou perfeição nos grandes mestres da arquitetura de Roma e da Grécia. Vitruvius, Palladio, Vignola e Guaita inspiraram o desenho de igrejas, capelas, torres, jazigos, colégios, clubes... em todas as suas obras, há profundas marcas da arte e da cultura clássica.

Penso escutá-lo nas engalanadas sessões solenes das entidades que presidiu ou nas quais foi orador oficial durante décadas: Sociedade Garibaldi, Círculo Católico Operário, Sociedade Italiana Vittorio Emanuele e sociedades beneficentes, como a 21 de Abril e a dos Operários do Batel.

Atualizo o contundente ambientalista, declarado amante das campinas e das florestas, encantado com a majestade dos pinheirais, crítico acerbo dos madeireiros exterminadores das riquezas naturais do Paraná.

Cultuo o homem de inquebrantável fé cristã, divulgador da Igreja Católica, pagador de promessas e graças que, sem nada cobrar, projetou e orientou a edificação de dois belíssimos templos.

Enfim... posso recordar o homem apaixonado por sua Catharina, que depois da sua morte não teve mais motivações para sorrir ou para viver... recordar o pai devotado ao seu filho, terno e zeloso às suas três

¹ Advogado, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e do Círculo de Estudos Bandeirantes.

filhas... recordar o carinho especial com sua filha mais nova, uma certa Domitila, que ele chamava Lila, que casou com um certo João Geara.

Vejo agora que foi fácil recordar, escrever e falar sobre o meu avô.

Mas isso pouco significa, não é o bastante.

Deixemos que os exemplos de vida privilegiada de João De Mío e a beleza das suas obras de arte honrem a sua memória!